



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MAURI FERNANDES DA FONSECA

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-489

Entrevistado: Mauri Fernandes da Fonseca

Nascimento: 12/09/1941

Local da entrevista: Centro de Natação do Mauri, Menino Deus, Porto Alegre, RS.

Entrevistadores: Gustavo Bernardi e Christiane Garcia Macedo.

Data da entrevista: 24/11/2014

Transcrição: Thales dos Santos Medeiros Collar

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora 10 minutos e 39 segundos

Páginas Digitadas: 18 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Gaúchos(as) Olímpicos: preservando memórias, reconstruindo histórias* desenvolvido pela equipe do Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Mudança da família para Porto Alegre; Início na natação; Família e dificuldades econômicas; Dificuldades de estar fora do eixo Rio de Janeiro-São Paulo; Passagem pelo Grêmio Náutico União; Participação nos Jogos Olímpicos de Tóquio; Preparação para a competição; Colegas da natação; Trabalho como treinador; Final da carreira de atleta.

Porto Alegre, de 24 de novembro de 2014. Entrevista com Mauri Fonseca a cargo dos pesquisadores Christiane Garcia Macedo, Gustavo Bernardi e Leila Carneiro Mattos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

G.B. – Mauri como foi sua inserção no esporte, já iniciou na natação ou praticava outro esporte?

M.F. – Eu não tive a felicidade de ter alguém que me dissesse: “Tu é bom na natação”. A única pessoa que acreditava muito em mim na natação era minha mãe¹. E nós viemos de Rio Grande² para cá, nós viemos morar aqui porque meu pai conseguiu uma namorada lá e tal e no fim das contas nós viemos para trocar de vida. Lá nós tínhamos o conforto do meu avô, um velho português maravilhoso, que veio de Portugal para Rio Grande fazer o canaleta³, e acabou casando com minha vó. Nós viemos de Rio Grande para cá, nós viemos morar na casa de uns conhecidos nossos, que eram a dona Mindoca⁴; Mindoca era o apelido dela, e o seu Martins⁵, em Canoas⁶, e lá ela emprestou uma das peças dela, para nós ficarmos, e nós ficamos lá um bom tempo que foi uma mão na roda, tremenda mão na roda para nós, eu tinha 10 anos, 11 anos, e depois nós saímos de lá e viemos para cá na Rua Gran Pará, com a Barbedo⁷ que era uma casa de cômodos e nós ficávamos de um lado da casa de cômodos que era uma casinha de três peças. Logo em seguida meu pai também saiu de novo de casa, e minha irmã ainda nesse meio tempo, ela casou com meu treinador de natação e ele, muito mais interessado nela do que em mim, me dava treinos, só que ele era bom, treinava o Gil Duque, ele treinava o Luis Augusto Bastos de Carvalho⁸, ele treinava os bons nadadores da época e eu tive essa sorte de passar a treinar. Mas quando eu fiz o teste e vim treinar no Gaúcho⁹, eu vim mudar aqui na Gran Pará, daí eu fiz o teste e os caras disseram: “Olha Dona Irene, ele é comprido, magrão, quem sabe a senhora não tenta um basquete?” E ela disse: “Olha não tem problema, a natação vai ser bom para ele”. E quando chegamos em casa ela disse: “Ainda bem que tu não estava gostando da cara do

¹ Irene Fonseca.

² Cidade do Rio Grande do Sul.

³ Estrutura de estrada.

⁴ Nome sujeito a confirmação.

⁵ Nome sujeito a confirmação.

⁶ Cidade do Rio Grande do Sul.

⁷ Ruas de Porto Alegre.

⁸ Nome sujeito a confirmação.

treinador, estou achando ele meio fraco, deixa que eu vou te treinar meu filho, eu vou te treinar, porque tu tem que fazer natação, tu és asmático, tu tem que fazer natação”. E eu digo: “Então tá, vamos fazer natação”. Ela ia lá para me dar treino e tal. Ai houve o interesse do meu cunhado na minha irmã, mais do meu cunhado na minha irmã do que em mim, porque viu ela dando treino, e disse: “Não, dona irene, a senhora deixe, eu estando aqui dou treino para ele e tal, não tem problema”. E às vezes ele se esquecia de mim e eu ficava na arquibancada sentado, sentadinho tinha só 12 anos, esperando que ele me chamasse, mas não me chamava, e eu arrasado chegava em casa, e minha mãe dizia: “Tu treinou?” E eu: “Olha mãe, só nadei solto de lá pra cá de cá pra lá porque o meu treinador, não me chamou.” E ela: “Não é ele que te chama, é tu que tem que se apresentar a ele”. Ai passei a ser o “cri cri”, se eu não me apresentasse a ele não treinava. A história começou mais ou menos assim: nós morávamos numa casinha de três peças, onde muitas vezes nós não tínhamos comida para comer e quando ia para o colégio, pegava o bonde, como era o bonde gaiola, porque era todo aberto e eu ficava lá trás esperando, ali atrás, esperando que o cobrador viesse e o cobrador vinha e cobrava e eu não tinha dinheiro para ir para colégio, não tinha passagem. Então o que eu fazia? Eu ia e quando o cobrador vinha eu estava treinado, eu descia do bonde correndo, na corrida e o cobrador vinha e eu descia, até que um dia os cobradores começaram a gostar de mim: “Tu é craque, tu desce desse bonde que é uma loucura, olha aqui não desce mais fica ai, que não precisa pagar, vai conosco que nós te levamos”. Tudo foi gente ajudando. E a comida era um terror de conseguirmos, tinha semanas que nós comíamos polenta com café preto de manhã e ao meio dia ao molho de tomate, cebola, alho e tal... Olha que me dá água na boca, me lembro daquela época, hoje como verdadeiros banquetes, sem esnobar nada, camarões, lagostas, comi pelo mundo inteiro e viajei o mundo inteiro, conheço o mundo inteiro... Tive oito escolas de natação, épocas que eu não sabia o que fazia com dinheiro, era tanto dinheiro que eu um guri que não tinha dinheiro para comer imagina, não sabia o que fazer, então comi tudo o que podia comer e hoje me dá água na boca, lembrar da polenta. Hoje posso sair daqui ao meio dia comer uma lagosta, ou seja o que for, porque tenho condições disso, mas em falar da lagosta não me dá água na boca como me dá a polentinha da minha velha. E de noite ela fazia a polentinha frita, ela pegava aquela pouca polenta que sobrava e fritava aquela polenta e tomávamos com café preto. Muitas vezes ela em outras ocasiões ela dizia: “Hoje

⁹ Grêmio Náutico Gaúcho.

estou enjoada que não me aguento.” Mentira! Eu era guri e não me dava conta, era guri... Ela dizia: “Mas não vou comer, estou que nem posso olhar a comida que me revolta o estômago, estou mal, mal, mal”. Isso era para eu comer a comida dela, ela servia para mim e para ela, mas aí ela dava essas desculpas. E a velha foi das pessoas mais extraordinárias, mais fabulosas que tinha. Ela transformava revés de vida que tínhamos para tentar de novo. Então nós éramos os verdadeiros campeões porque quanto maiores fossem os reveses de vida que enfrentávamos mais motivado eu estava, era extraordinário. A pessoa morreu e eu ainda sem ter explodido. Ela tinha 51 anos quando ela morreu, num câncer nojento liquidou com ela. Mas esse foi todo meu início de vida, aí depois eu comecei a ganhar provas, ganhava prova, ganhava prova, não perdia mais, nem aqui em Porto Alegre, nem em São Paulo, nem no Rio de Janeiro, nem na América do Sul... Eu era campeão brasileiro e era campeão sul-americano, mas nem por isso melhoraram minhas condições de vida. Não tive pessoas extraordinárias, tinha um senhor aqui na Barbedo que era uma chácara enorme, a Barbedo não era calçada, então, ele vendia verduras e etc. Eu entrava pulava o muro do gaúcho e vinha. O Valentin¹⁰ me fez uma serrinha de lâmina, ele afiou ela para mim, passou e depois amarrou um monte de pano, e quando eu andava por ali, eu tinha uma sacolinha de fruta, pulava a cerca da chácara da Barbedo, tirava umas folhinhas de couve, tirava um pezinho de alface e tal, até que o meu velho queridão, o dono, me pegou: “Seu ladrãozinho de merda, que tu taá roubando ai, seu ladrãozinho, seu vagabundo, guri de merda.” E eu dizia: “Eu não sou, sou nadador” [risos]. O que tinha haver um ladrão com nadador? Era minha defesa, mas ele veio falar comigo, daí eu disse: “Eu sou nadador, nado ali no Gaúcho. Eu e minha mãe moramos aqui naquela casinha, tem três peças, a gente muitas vezes não tem o que comer, então, o senhor não vai ver nunca um pé meu em cima de um canteiro. Oo Senhor vai ver que eu não desperdicei, eu corto um pé de alface por isso que eu vim lhe visitar todo o dia aqui, eu corto umas coisinhas pra levar para fazer a comida.” Daí ele disse: “Mas entre pela porteira!” Eu falei: “Mas, entrar pela porteira? Nem seus parentes entram pela porteira, eles tem pavor do senhor, todo mundo, ninguém gosta do senhor, dizem que o senhor é bravo”. Ele disse: “Eles que não sabem nada, agora sábados você vai vir aqui, porque só colhe quem planta, tu vai aprender a plantar.” Daí nos sábados eu ia para lá, porque não tinha treino de tarde, tomava chimarrão com o velho; aprendi a tomar chimarrão com ele e ele chegou num ponto de se apaixonar por mim, que

¹⁰ Nome sujeito a confirmação.

eu era o neto predileto dele, eu era o neto realmente dele, ele era completamente louco por mim e depois ele dizia: “Hoje não vai plantar, vai ficar só conversando, tu tem é que descansar, tu já aprendeu a plantar, porque para colher tem que plantar”. Então o velho com aquele sotaque português maravilhoso que eu adorava estava acostumado com o sotaque dos meus avós e ai me deu uma mão tremenda nunca mais me faltou verdura tchê! Eu ia lá ele não deixava nem eu colher, já tinha, estava com uma sacola cheinha de coisa e eu dizia: “Mas o senhor está botando demais”. E ele dizia: “Não, não, deixa lá, dá para os vizinhos ali do lado”. Então sempre teve pessoas que ajudaram, como teve os cobradores dos bondes que colaboraram e tal. Então foi uma vida assim, uma troca de gentileza, eu fazia gentilezas para ele e eles faziam para mim. Até dei uma das minhas medalhas para o português, quase matei ele do coração, coitado do velho. Isso me deu muita satisfação. E tempos depois eu estou no Alabama, na Universidade do Alabama fazendo um curso lá e quando cheguei o velho tinha morrido e eu queria ter feito uma homenagem para esse homem. Depois eu fui no cemitério e tal, mas eu queria ter feito na frente dele e de todo mundo. Iria ser pouca gente, porque ninguém gostava dele, mas eu queria ter feito uma homenagem pois eu teria que dizer a respeito dele; o cara foi sensacional, então, assim foi o começo. Para ir para Tóquio¹¹ foi a mesma coisa. Eu era campeão sul-americano pelo Gaúcho. O Milton Silva¹² tinha uma loja de peças de automóvel, ele era o presidente do clube, ele me disse: “Mauri, vai embora para o União¹³, porque tu quer te preparar para uma olimpíada, mas não dá para te preparar na nossa piscina, a nossa piscina nós nem filtramos ela e no inverno a água é fria, com é que tu vai treinar para ir para uma olimpíada? Vai para o União, nós vamos te liberar para tu ir para o União e não vamos tirar o seu título de Gran laureado do clube que tu tem”. Então eu sou sócio laureado de dois clubes, eu sou do Gaúcho e sou do União.

C.M. – Quando é que o senhor foi para o União?

M.F. – Em 1963.

C.M. – Um ano antes?

¹¹ Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964.

¹² Nome sujeito a confirmação.

¹³ Grêmio Náutico União.

M.F. – Um ano antes. Eu fui para o União, muito gentil na época da mesma maneira. Deixavam o Serginho¹⁴ nadar lá, treinar lá, muito gentis na época, nunca em nenhum momento, eles disseram para assinar a ficha, para vir aqui conosco, para vir para cá, nunca pelo contrario eles diziam: “Não precisa, pode continuar nadando e defendendo as cores do gaúcho”. Os caras da mesma maneira que eu “toco ferro”, eu também defendo o pessoal e são as pessoas que fazem o clube, então dependendo das pessoa o clube é um bom ou é um clube ruim, e o ruim pode ser ruim para mim e bom para os outros. Então ai treinei e me preparei e tal e fui paras Olimpíadas, fiquei 20 e poucos dias lá na Urca¹⁵, no Forte da Urca, num forte militar, meu quarto tinha mais ou menos uns quarenta metros de comprimento por uns dez metros de largura. Era um galpaozão que era no segundo andar e lá era só camas, uma do lado da outra, nos dois lados e ainda tinha cama no meio e nós ficamos lá, fiquei bem junto com o pessoal do futebol. Na época quando eles chegaram, eu fiquei lá no outro canto, longe deles e eu pensava esses caras vão encher o saco vão pegar no pé, daí os caras ficaram meus amigos. Vou te dizer uma coisa tchê, aos domingos me levavam para comer na casa deles, o Humberto¹⁶ era ponta de lança da equipe brasileira, me levava para comer na casa dele, o Roberto¹⁷ também que era ponto de lança me levava, eles eram do Botafogo¹⁸. E ai os pais deles, meu deus do céu ficaram loucos por mim, porque eu fazia amizade fácil. Então é uma história que tem tanta coisa para contar, mas que pode ser contada, para que não fique alguma coisa monótona, tu vê que por diversas vezes tive que segurar para não chorar. Tu vê que é uma coisa que ainda me emociona e eu gosto disso que me emociona, sinal que estou vivo, porque quem não tem mais emoções não está mais vivo. E a coisa mais extraordinária foi o aprendizado de vida que tive com minha mãe e com meu pai, porque eu nunca ouvi minha mãe dizer: “Teu pai não vale nada, teu pai é um vagabundo, nos largou, nos deixou aqui, nós não temos dinheiro para comer e estamos com dificuldade e ele está lá com a outra”. Nunca, ela dizia: “Paizinho é maravilhoso meu filho, paizinho é apaixonado por ti, se tem alguém que gosta de ti nesse mundo é ele, ele é louco por ti”. São passagens assim... Depois quando minha mãe estava muito ruim e eu dava treino de natação as 5 horas da manhã e eu morava aqui na José de

¹⁴ Sérgio Pinto Ribeiro.

¹⁵ No Rio de Janeiro.

¹⁶ Humberto André Redes Filho.

¹⁷ Roberto Lopes Miranda.

¹⁸ Botafogo de Futebol e Regatas.

Alencar¹⁹, não na Barbeta, saí daí fui melhorando, fui pegando outras casas e tal e eu já estava casado e tal. E eu saía de casa, ela morava na Barbedo, que era um apartamento que era do meu genro, que ele estava emprestando para ela morar, ali com meu pai, e eu passava ali mais ou menos quatro e vinte cinco, quatro e vinte e, olhava pra lá a luzinha acesa e ela lá sentada na cadeirinha dela e eu abria o vidro e chamava pela janela, todos os dias, todos os dias ela não falhava um dia para me abanar tchê! Sempre me abanava, aí na volta eu ia para lá, eu chegava antes de ir para casa, eu ia para lá, ficava lá uns 10 a 15 minutos. E a minha mulher, como boa mulher, tinha um pouquinho de ciúmes, mas nunca assim ao ponto de prejudicar o bom relacionamento que se tinha. Então coisas normais, mas a minha velha, meu amigo, me botava para cima sempre, eu era um astro. Uma vez ela discutiu - são passagens - ela discutiu numa camionete essas que carregavam gente, Van...É um troço desses, um transporte desses aí, e ela discutiu com a pessoa e disse: “Eu não vou discutir contigo, porque tu já tem filho que já participou de Olimpíada?” [risos]. São coisas que ficaram na história. São coisas que deixavam ela muito honrada, nós ficamos muito contentes, foi a realização dela. E teve épocas de nós estarmos aqui e ir participar do Campeonato Brasileiro, aqui no União e não tinha dinheiro para ir. Aí conseguimos o dinheiro e fomos de bonde, pegamos dois bondes, pegamos um bonde até ali o Gaspari, e depois outro bonde até a Independência ou 24 de outubro²⁰, não me lembro mais, até o União. E quando chegamos lá, nós estávamos entrando no União um dos caras do União, disse: “Que bom vê-los! Báh, boa sorte na competição!”. A mãe dizia: “Ah! muito obrigado!”. O Moacir Rabelo dos Santos, que era o meu concorrente, ele não sabia que era meu concorrente, mas eu sabia que ele era meu concorrente direto, e eles nem esperavam que eu fosse para lá para incomodar os caras. É um cara tão bom que resolveu fazer uma homenagem para o União, ia dedicar a prova dele de 100 metros borboleta e o recorde que ele disse que ia bater para o Grêmio Náutico União. Saindo dali a mãe diz: “Agora assim “tchê, estava faltando o que nós precisávamos, era o entusiasmo no final, agora sim que eles vão ver o que vai ser bom”. Daí deram a largada e ela não assistia prova, ela sentada no meio e todo mundo se levantava e gritava: “Dona Irene! dona Irene! O Mauri está na frente”. E ela em baixo sentada só rezando, a velha era muito católica, era batuqueira, era espírita, era tudo, então, ela se agarrava com tudo quanto era santo possível. Ela estava lá, estava grudada e rezava que nem louca. E aí terminou a prova e eu ganhei a

¹⁹ Rua de Porto Alegre (RS).

²⁰ Gaspari, Independência e 24 são ruas de Porto Alegre (RS).

prova, eu queria encontrá-la, levantaram ela lá e eu abanava, mandava beijo para ela. Nós estávamos saindo e ela viu o cara que tinha dito aquilo, daí ela disse: “Eu estou trazendo aqui o Mauri, para agradecer a sua gentileza para ter nos aberto o jogo do Moacir, para dizer que ele iria bater o recorde com 1 minuto e 3 segundos e o recorde é 1 minuto e 4 segundos, porque isso nos deu uma força muito grande e nos deu uma tranquilidade muito grande, o senhor sabe por quê? Você viu o tempo do Mauri? Porque nós sabíamos que o Mauri estava vindo aqui para ganhar a prova com 1 minuto e 2 segundos para bater o recorde do Brasil, brasileiro com 1 minuto e 2 segundos, daí disseram que era 1 minuto e 3 que ele ia bater, eu disse para o Mauri corre de corda erguida, não dá nem bola para passa por cima dele que já esta ganha a prova já” (risos). Ele estava puto da cara. E ai para voltar, minha amiga, apareceram quinhentas caronas, todo mundo queria nos dar carona para nos trazer, porque eu era o único gaúcho que tinha ganhado o campeonato brasileiro aqui no Rio Grande do Sul, eu tinha carona de tudo quanto era jeito dava para nós escolher. E eu e minha mãe escolhermos ir de bonde: “Vamos de bonde”, ela disse. São passagens assim que ficaram marcadas, que nos ensinou o *know how*, ela sabia tudo, uma pessoa com pouco instrução, mas uma das pessoas mais inteligente e mais bom senso que eu já vi na minha vida, realmente extraordinário. E o meu pai quando voltou para casa, sempre junto, apesar dos pesares, apesar de ele não morar mais conosco, mas ele estava sempre junto conosco, me auxiliando sempre me ajudando, uma pessoa também extraordinária, não foi um exemplo de pai, porque se apaixonou por outra pessoa, que é totalmente normal. Então foi assim, tudo se resume a isso, se tu tiveres uma boa orientação e se tu fores o suficientemente pobre, que não te prejudique sua saúde, hoje cada vez mais, tu terias que ter uma boa condição de vida para poder chegar a nível nacional, internacional porque a concorrência é muito grande. Eu sempre prefiro as pessoas menos providas de dinheiro, de conforto, para que se possa realmente se transformar em um grande atleta, tanto que vocês fizerem uma análise dos grandes atletas que ainda hoje se salientam, são pessoas que vem de um nível, de uma camada social muito baixa, e pessoas que conseguem vencer, isso porque tem uma orientação de quem quer que seja, uma orientação boa, no sentido de motivá-los a cada vez querer mais e para encerrar a nossa entrevista, nosso bate-papo informal, eu digo o seguinte: eu fui um “subidor” de pódio, que sempre estava no pódio, e digo que nem sempre vence as pessoas que sobem no pódio, que chegam na frente; vence sim aquela que alcança os seus objetivos individuais, essa pessoa é a verdadeira vencedora, não precisa estar no alto de um pódio para ser um vencedor, mas pode tirar o oitavo lugar,

nono lugar, décimo lugar, se tu alcançares teus objetivos que tu tinhas em mente, tu se torna vencedor. Então eu acho que isso é uma coisa minha, eu nunca ouvi uma pessoa dizer isso, mas eu te digo pela a experiência de esporte, experiência de vida, vence as pessoas que alcançam seus objetivos, porque se não o esporte seria muito frustrante, seria bom só para quem tira o primeiro lugar, e os outros seriam tudo um monte de merda! Não é assim. Eu vi, como técnico de seleção brasileira, atleta meu ganhar o campeonato sul-americano, bater o recorde sul-americano e sair chorando de dentro da água porque não tinha conseguido o índice pra ir para Copa Latina, e nós estávamos todos em uma motivação muito grande.

[INTERRUPÇÃO DA ENTREVISTA]²¹

E outra coisa fundamental do ser humano é humildade tchê! A humildade é uma dos sentimentos mais lindo que existe no mundo, não tem outro, cumprimento os porteiros, eu não sei se igual, mas acho que um pouquinho melhor que cumprimento o presidente do clube sem sombra de duvida tchê, os funcionários de clube que eu passei eram completamente apaixonados por mim, glória eu poder dizer uma coisa dessas, eu sou um cara legal! Não, eu não sou isso quem me ensinou isso foi a minha mãe, ela que transmitiu isso ai tudo, ela que fez eu agir dessa maneira, me ensinou isso, eu acho isso do caralho, isso aí é melhor do que qualquer coisa. E hoje tu vê, um cara que não tinha o que comer e hoje moro no meu haras; vagabundo, sem vergonha, tinha que roubar verdura do português, e hoje estou no meu haras, sou criador de cavalo. Meu filho anteontem ganhou uma prova em São Paulo em Idaiatuba, nem sei o nome, e ganhou uma prova de cavalo. De cavalo árabe, ele é campeão brasileiro. Ano passado também foi esse ano e ontem ganhou mais uma prova e ele foi para lá participar desse campeonato brasileiro. São seis filhos e cada um deles nem parece que é irmão do outro, não tem nenhum que se pareça, eles meio que se parecem é pela fisionomia, mas esse um mandei pro Alasca, foi treinar natação no Alasca, treinou lá um monte de tempo, mas um cara com 18 anos, quando aquilo que não fizeram comigo eu fiz com eles, eu errei loucamente na criação deles, os caras com 18 anos ganharam um carro. A minha filha com 16 anos estudava no Colégio João XXIII, e eu já tinha dado um Gol para ela, 16 anos ela ia de Gol para o colégio, puta que o pariu! Os professores queriam ver o diabo e não queriam me ver! Depois assim chegava em

²¹ Filho do entrevistado entra na sala.

Garopaba, aniversário da minha filha, era 19 de janeiro, e eu pegava um funcionário meu aqui, comprava um carro zero quilômetro e me atacava para lá, eu no meu carro. Chegava lá, entrava na minha casa, na época eu tinha comprado uma rua, e um pouco mais chegava na porteira, uma porteira de fazenda enorme, abria a porteira e entrava um Gol zero quilometro com um laço de fita desse tamanho [risos]. Como é que tu vai querer tchê, que uma criança como essa vá ser um atleta? Vá se dedicar a ser um nadador? O meu filho ganhou um carro, e o cara era metido, aqui ó ele [aponta para o filho]. E as gurias achavam ele bonitão, daí se dedicou profundamente, largou tudo. E meus filhos são sensacionais, são pessoas extraordinárias, são pessoas que realmente se falta alguma coisa na nossa família, eu garanto para vocês que não é amor tchê, é a família mais unida nós, são seis filhos e dez netos, nós, raríssimas vezes, não estamos todos juntos, agora eu sai para morar lá fora, uma guria minha, já foi morar lá fora, o meu filho, esse dos cavalos já foi morar lá fora, o Guigui, o Guilherme, que nasceu com problemas e chegaram a me dizer quando ele era pequenininho: “Olha, Mauri tu tem que estar preparado porque se ele chegar a adulto e conseguir assinar o nome dele, tu já bota as mãos para o céu”. Daí eu e minha mulher, nos dedicamos a esse guri, fazendo coisas assim que não era para fazer, mas dando todo o amor, que nós tínhamos dentro da gente para ele, e passou a dormir na nossa cama às cinco horas ele já acordava, eu colocava ele na cacunda e ia para praia, caminhar na praia com ele, me chamavam de São Cristóvão porque eu sempre tinha alguém na cacunda. E hoje é um cara que se formou, fez Educação Física é professor de natação para bebês, foi um campeão, é um campeão de cavalos da raça Appaloosa, ano passado ele ganhou o campeonato panamericano, ele ganhou campeonato brasileiro, então, se destacou sobre maneira. Então eu acho que tudo tem solução depende da maneira de como tu enfrenta e a maneira que tu consegue conduzir as coisas, mas o segredo do sucesso, tchê! Eu nem passei perto de ser o segredo do sucesso, o segredo do sucesso era minha velha tchê, minha velha, aquilo era uma pessoa extraordinária, tem uma foto dela aqui de quando ela era guriuzinha, quando ela casou tinha 16 anos, aqui [entrevistado mostra a foto], essa pequenininha, e tem muita foto aqui mas não tem foto da minha mãe aqui tchê!

C.M. – Mauri, a gente pode fazer mais outras perguntinhas?

M.F. – Claro!

G.B. – Mauri quando tu ganhou aquela prova do brasileiro, tu começou a ter patrocínio depois daí? Como foi?

M.F. – Foi! Patrocínio da minha mãe! Eu nunca tive patrocínio na minha vida, pelo contrário, eu tinha que pagar tudo!

G.B. – E nessa época tinha mulheres praticando esporte? Era bem visto?

M.F. – Tinha, tinha ! Era bem visto sim!

C.M. – E como era a natação aqui no Rio Grande do Sul, tinha muitos clubes que competiam?

M.F. – Grêmio Náutico União, Grêmio Náutico Gaúcho, Sociedade Aliança de Novo Hamburgo e Sociedade Ginástica de Novo Hamburgo eram os clubes, que eu me lembro, que participavam.

G.B. – E por estar fora do eixo Rio- São Paulo, tu sentiu muita dificuldade?

M.F. – Era um passo para trás!

G.B. – E na ida para os Jogos Olímpicos, como foi sua preparação para os Jogos?

M.F. – Quem me treinou, voltou a me treinar foi o meu treinador o Doutor Lélío Araújo²². Ele foi o meu treinador, ele foi quem me preparou para ir para as Olimpíadas, ele me dava o treino em um papel e eu ia para o União e fazia os treino, porque ele não tinha condições de ir lá, mas daí nos fins de semana o treino era com ele, o treino que nós treinávamos sábado e domingo, nós não tínhamos folga no domingo, porque a gente folgava na segunda, porque era um dia que ele não ia poder estar lá. Nós treinávamos sábado e domingo e meu domingo era segunda e segunda-feira não tinha treino.

²² Lélío Soares de Araújo.

G.B. – E a convocação para participar das Olimpíadas com você recebeu?

M.F. – A convocação normalmente se dá pelos índices que são estipulados e os índices individuais para nós participarmos das Olimpíadas era muito forte, muito forte! Não teríamos condições até mesmo porque na prova que eu nadava, que era minha especialidade os 100 metros de golfinho, não tinha nas Olimpíadas, não tinha. A única prova de 100 metros na Olimpíada de Tóquio eram os 100 metros de nado livre, as outras provas eram 200 metros de costa, 200 metros de golfinho, 200 metros de peito, tudo era 200 metros não tinham provas de 100 metros, então o que nós tentamos o índice?! Nós tentamos o índice com o revezamento, eu o Farid Zablith²³ que dever ter... Ali ó! [o entrevistado aponta para uma fotografia na parede] Ali têm dois, os dois do meio, eu sou o pequenininho da direita, este aqui ó! E o outro é o Farid Zablith que é um turco que nadava peito, do meu lado, lado direito este aqui é o Fernando Nabuco de Abreu, era o maior futuro do Brasil na época, e esse que estava ao lado dele é o que foi recordista mundial, o Manuel dos Santos²⁴, ali é o Manuel dos Santos.

C.M. – Este daqui?

M.F. – É! E o do lado de cá é o João Gonçalves²⁵, é um cara que foi assim, ele era campeão brasileiro de natação, polo aquático e campeão mundial de judô o João Gonçalves. Hoje ele é o distribuidor de praticamente todo leite Vigor, que mudou de nome não sei como era, mas era do pai do Willy Jordan²⁶, que era um nadador, e que eles eram amigos, e deu um caminhão para o João começar, porque o João era muito pobre, e hoje o João tem uma frota de 500 caminhões. E o Manuel de Santos, ele tem escolas de natação, que ele vê cá pra casa para ver como que era e fez escolas de natação. Mas o Manuel dos Santos, o pai dele era considerado o rei do gado, ele tinha 80 e não sei quantos mil hectares de terra lá no Mato Grosso em Ponta Porã, ele tinha um descarte anual de gado que dava 10 mil cabeça, de descarte por ano; descarte não é venda de produto, descarte é assim, vaca velha e pode ser até nova que não pegou cria na primeira vez, vaca que se pisou e isso aí

²³ Farid Zablith Filho.

²⁴ Manuel dos Santos Júnior.

²⁵ João Gonçalves Filho.

²⁶ Willy Otto Jordan, filho de Otto Jordan, que fundou em 1917 a fábrica de Produtos Vigor.

era descarte, e depois tinham as crias, só de descarte ele tinha 10 mil por ano, então era um bilionário.

G.B – E Mauri e como você analisaria a sua participação na Olimpíada de 1964?

M.F. – Eu acho que produzi muito, eu acho que eu poderia ter produzido muito mais, se nós tivéssemos tido uma atenção melhor, eu com cento e cinquenta dólares no bolso que eu tive que trocar para poder ter dinheiro pra ir lá do Forte da Urca²⁷, que eu vinha até a praia do Flamengo e atravessava da rua Payssandu até o Fluminense, aquela merda era longe pra burro! Tinha umas dez quadras e eu ia, daí chegava lá no Fluminense treinava, não tinha nenhum técnico para me dar treino, eu tinha os treininhos do meu cunhado, daí eu fazia e quando não tinha eu inventava e tal. Ai eu comecei a cansar, eu digo: “Ainda tenho que gastar dinheiro para vir aqui eu vou ficar no Forte da Urca mesmo”. Daí eu nadava no mar. Conheci o Otavinho²⁸, era um rapaz que fazia caça submarina lá, e ganhava dinheiro com isso, ele pegava polvo, ele pegava um série de coisas, lagostas e tal. E para variar eu fiz amizade com o cara e comecei a trabalhar junto com ele, e ele me dava sempre um dinheiro. A gente pegava um monte de lagosta, um monte de polvo e tal, e dava uma grana. Então eu acho que se nós estivéssemos chegado no Forte da Urca, tivesse uma piscina para treinar e tivesse treinadores nos dando treino, nós fomos para competição, no Japão, sem técnico foram quatro atletas sozinhos, esses caras também foram vencedores, o Farid Zablith que era o representante, há quatro ou cinco anos já era o representante da Ford no Brasil, o Farid Zablith o grandão ali. O golfinho, o Álvaro Pires, ele era o bonitão da equipe! O cara conquistava até a mãe das gurias, era um terror, as gurias não só se apaixonavam por ele mas as mães também, entendeu? Para nós era um desastre.

G.B. – E as instalações de Tóquio como eram?

M.F. – Espetaculares! O que me marcou foi a comida japonesa, que nós não tínhamos, mas as vezes eu conseguia entrar no refeitório japonês, tinha uma guria que ficou amiga da gente, eu dizia: “Quero comer as comidas japonesas”. Tanto que quando eu voltei para cá,

²⁷ No Rio de Janeiro.

²⁸ Nome sujeito a confirmação.

tinha um restaurante que ninguém conhecia só ia japonês, Sakai²⁹, era um restaurante paralelo a Avenida Borges de Medeiros, não sei qual é o nome daquela rua, era uma garagem, só tinha quatro mesas, e a Sakai era a dona, até hoje é apaixonada por mim, e aí comecei a comer lá né. Daí diziam: “Tu come lá naquela merda dos japoneses” e eu dizia: “Eu como! Como e gosto pra cacete! Vou lá e como”. E agora inventei uma comida que é Mauriaki, que é o sukiaki uma comida deles, mas sou eu que faço [risos]! A comida foi uma das coisas que mais me chamou atenção. Então nós tínhamos passe livre para andar de ônibus, trem o quer que fosse pelo Japão inteiro, então, no quinto dia eu já estava liberado, já tinha nadado a prova, nós tínhamos ficado em décimo terceiro lugar e nós queríamos chegar em décimo segundo lugar, na frente da Argentina, e nós nunca tínhamos perdido para Argentina e nós perdemos lá, foi muito ruim, mas fomos o décimo terceiro do mundo. Tinha um amigo meu, que dizia: “Tem o cara que é melhor no quarteirão, da rua em bolinha de gude e já é um sucesso e o outro tira o décimo terceiro do mundo e está achando ruim tchê, tem só doze na sua frente, vai tomar banho tchê!”. Ai eu comecei a me dar conta, só doze melhor que a gente, então foi a participação que poderia ter sido muito melhor se nós tivéssemos tido um pouco mais de apoio e era uma coisa que nós não tínhamos.

C.M. – A prova que você foi eram os 100 metros livres?

M.F. – Não! Eu participei dos 100 metros livres inclusive eu estou atrás do vídeo, se vocês tiverem condições de descobrir isso aí, tinha na época, porque minha mãe assistiu e eu assisti a prova eliminatória do atleta que era o sucesso na época, eu virei os 50 metros de crawl não consegui pegar a final, eu virei os 50 metros na frente dele, eu queria ver isso, se vocês conseguirem eu iria ficar muito satisfeito, o cara ganhou umas cinco ou seis medalhas de ouro, o cara era um terror era maravilhoso!

C.M. - E teve mais alguma prova?

M.F. – O revezamento 4x100 em quatro estilos, essa era a prova que iríamos participar!

²⁹ Nome do restaurante.

G.B. – E nessa Olimpíada de Tóquio teve alguma experiência negativa?

M.F. – Nenhuma. Fiquei muito amigo, porque fui muito louco por cavalo e índio, sempre fui: “O que tu quer ser quando for grande?” Meu pai ficava que era uma fera, eu com quatro ou cinco anos, ele dizia: “Tu vai ser militar”. “Não, eu vou ser o amigo número dois dos índios”; “Amigo numero dois dos índios?” Meu pai dizia: “por quê?”. “Porque o Marechal Rondon foi o amigo número um dos índios e eu quero ser o número dois”. Eu sempre fui louco por índio.

G.B. – Na sua participação como técnico como foi? Fale um pouco mais.

M.F. – Como técnico, eu comecei em 1964, quando eu cheguei o Grêmio Náutico União me convidou para ajudar o Delmar dos Reis³⁰ talvez você até conheça, é o irmão o Jayme Werner dos Reis, o Peixinho, eu janto todas as terças-feiras... o Roni Jung³¹ que era dono da Ribeiro Jung e da Simpala³², ele foi nadador, foi em quem eu me espelhei, onde meu cunhado me levava para assistir ele nadar, pela maneira que ele era valente, enfrentava, ele tinha uma força muito grande, e ele enfrentava as competições e meu cunhado falava: “Tu vai aprender com ele porque isso ai é raça”.

C.M. – E o senhor chegou a treinar quem?

M.F. – Eu tive vários campeões brasileiros, nem tenho condições de te dizer aqui, mas tive mais de vinte campeões brasileiros que treinavam aqui, bem mais!

C.M. – E jogos nos Jogos Olímpicos?

M.F. – Só o Sérgio³³!

C.M. – O que participou de Montreal³⁴?

³⁰ Delmar Harry dos Reis.

³¹ Nome sujeito a confirmação.

³² Concessionária de veículos.

³³ Sérgio Pinto Ribeiro.

³⁴ Jogos Olímpicos de Montreal.

M.F. – Montreal e Moscou³⁵, logo em seguida, foi aí que comecei a ser treinador.

G.B. – Bom Mauri e sobre a repercussão dos Jogos Olímpicos na sua carreira?

M.F. – Eu acho que foi bom, porque eu acho que a única coisa que teve foi a repercussão dos Jogos Olímpicos, porque os Jogos Olímpicos só serviram para isso, e fazer para que eu mais uma vez alcançasse meus objetivos, que era ir para os Jogos Olímpicos.

C.M. – Quando você abriu sua primeira escola?

M.F. – 1970.

C.M. – A imagem de ter sido um atleta olímpico o ajudou?

M.F. – Ajudou muito! Violentamente.

C.M. – Você deu muita entrevista quando voltou?

M.F. – Da onde?

C.M. – Para jornais, revistas, etc.

M.F. – De Tóquio?

C.M. – Sim!

M.F. – Nenhuma! Se eu soubesse eu teria lembrado.

C.M. – A repercussão foi mais entre os atletas?

³⁵ Jogos Olímpicos de Moscou.

M.F. – Não, eu acho que até entre o pessoal, mas da mídia nenhuma.

G.B. – Considerando que você foi o primeiro gaúcho a ir para Olimpíada pela natação, também não teve nenhuma repercussão?

M.F. – Nenhuma, nada! O único cara que me prestigiava na mídia mesmo era o... ensinei a mulher dele a nadar e não me lembro, ele é o que manda hoje no negócio do doping.

C.M. – De Rose?

M.F. – É, o De Rose, ensinei a mulher dele a nadar, o Eduardo Henrique De Rose. Nem lembro o nome dela tchê! Puta o que pariu o que eu judiei daquela mulher, tchê, uma vez ela me disse que tinha que nadar 50 metros, então vamos!

C.M. – Mas o rapaz que você diz é o Tulio?

M.F. – Túlio De Rose, meu queridão tenho 500 fotos com ele. Daí eu sai nadando com ela e quando chegou na metade da piscina eu disse: “Vamos, tche só falta a metade”. Daí ela disse: “Mas eu estou ficando cansada”. Ai eu disse: “Tá ficando cansada? Então tchau”. Saí nadando e deixei ela, daí eu disse: “Agora tu vai nadar, para cá ou para lá é a mesma distância, eu vou ficar longe de ti, só se tu morrer que eu vou te tirar da água”. Essa mulher queria ver o diabo na frente, mas não queria me ver: “Nunca mais eu nada contigo”. “Nem eu quero” eu dizia para ela. E o De Rose meu queridão.

G.B. – E logo depois de Tóquio tu parou de nadar e virou técnico?

M.F. – Foi! Eu em janeiro já estava como treinador auxiliar.

C.M. – Mas continuou competindo como atleta?

M.F. – Nunca mais, só competi como master anos e anos depois, e nunca mais peguei uma medalha, no master eu ganhava tudo, todas as provas, eu ganhava todas, tanto que aqui eu

treinava na piscina da Wenceslau Escobar³⁶, eu tava treinando para bater o recorde do mundo na natação master, e eu uma vez por semana eu nadava um 50 metros para ver como eu estava, e o pessoal: “Vamos ver como é que tu estás e tal?”. Aí no sábado de manhã eu batia o recorde do mundo, um ano inteiro batendo o recorde do mundo e nem fui para participar, não precisava daquilo, não fazia parte do objetivo a não ser se me dissessem: “Se tu bater o recorde do mundo, tu vai comer uma polenta com tua mãe”. Tchê, ai eu iria bater o recorde interplanetário, tchê, ai não teria ET³⁷ que ganhasse de mim.

G.B. – Bom, Mauri tem alguma coisa que a gente não te perguntou e que tu queria contar?

M.F. – Tem passagens mil, assim como eu contei essas tem outras, tu imagina... mas são coisas que são menos importantes, mas uma coisa que quero que tu frise: a humildade é o segredo do sucesso! Um antipático com sucesso não chega perto de um humilde, não chega perto de um cara sem sucesso e humilde; a humildade é um dos sentimento mais do bem, e o segredo do sucesso nem sempre é chegar na frente, mas alcançar os teus segredos individuais, esse é o sucesso que tu tem que almejar, se tu alcançares isso, conseguir superar reveses de uma derrota, em estímulo de mais uma tentativa de vitória, tu és um vencedor tchê! Sem sombra de duvidas tu vai ser um vencedor.

G.B. - Você teve uma medalha³⁸ que doou para o Centro de Memória do Esporte, de participação em Tóquio, e nós queríamos saber quem ganhou essa medalha se foram só os atletas ou foram os técnicos também?

M.F. – Só os atletas!

G.B. – E teve alguma cerimônia especial?

M.F. – Teve uma cerimônia muito bonita, eles chegaram lá na casa e falaram: “Toma! Toma!” Bonito pra burro!

³⁶ Rua de Porto Alegre.

³⁷ Extra-terrestre.

³⁸Referência à medalha de participação nos Jogos Olímpicos de Tóquio.

C.M. – Na Vila Olímpica?

M.F. – É um troço bonito pra caramba, motivante [risos].

C.M. – E todas modalidades eram iguais?

M.F. – Todas iguais, eu fiquei com o Nelson Pessoa Filho, ficou conosco lá em Tóquio, o Capitão Wilson³⁹ do pentatlo fico junto, o japonês que era do judô nos trazia presente, dos parentes dele, e ele estava com nós na casa, então, éramos os privilegiados; a nossa casa na Vila, daí tu entrava na Vila era casa, casa, casa, casa e a nossa era a primeira da direita, e tinha o cara do boxe, também que não lembro o nome também estava conosco.

G.B. – Mauri Fonseca, eu queria agradecer em nome do Centro de Memória do Esporte. Muito obrigada!

M.F. – Foi um prazer!

G.B. – Uma entrevista maravilhosa! Muito obrigado.

[FINAL DA ENTREVISTA]

³⁹ José Wilson Pereira.